

O IMPACTO DOS CURSINHOS POPULARES DE CAMPINAS - SP NA FORMAÇÃO DOCENTE EM ALUNOS DA GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UNICAMP E A RELAÇÃO ENTRE ESSES ESPAÇOS

Rafael Vidotte Mativi

rafaelvidotte321@gmail.com¹

José Antonio Lemos Veronesi

joselemosveronesi@gmail.com²

João Vitor da Silva Tavares

joaotavaressilva84@gmail.com³

Lucas Reis Pereira

lucaspereira11122001@gmail.com⁴

Resumo: *Os cursinhos populares são ambientes educacionais em que a luta pelo acesso ao ensino superior é a base para o seu funcionamento, nesse espaço professores voluntários oferecem aulas gratuitas que preparam pessoas de diversas realidades para os vestibulares. A geografia está nesse cenário com uma dupla função, uma como disciplina que muitas vezes é lecionada por alunos da graduação e outra como ferramenta de análise desse fenômeno. O trabalho aqui desenvolvido, busca por meio de entrevistas semi-estruturadas compreender como os cursinhos populares sediados em Campinas - SP influenciaram a formação docente de alunos da graduação em geografia pela Universidade Estadual de Campinas, somada isso, as entrevistas almejam entender a relação entre o cursinho popular, as aulas da licenciatura e a própria faculdade.*

Palavras-chave: Formação docente; ensino de geografia; cursinho popular

Introdução

O trabalho aqui apresentado busca evidenciar o impacto que os cursinhos populares têm na formação docente em alunos de graduação em geografia e a relação desses espaços

¹Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - SP. Professor de Geografia do Cursinho Popular TRIU em Campinas - SP.

²Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - SP. Estagiário do Cursinho Popular Zilda Arns em Campinas - SP

³Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - SP. Estagiário do Cursinho Popular Zilda Arns em Campinas - SP.

⁴Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).



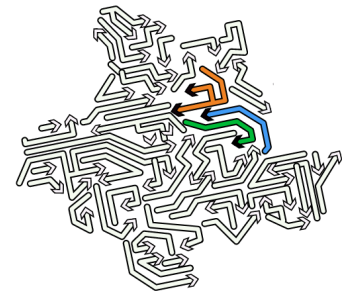
com a faculdade. O recorte espacial desta pesquisa se limita aos estudantes do curso de licenciatura da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e aos cursinhos populares presentes do município de Campinas - SP. A compreensão da temática abordada precede com que haja um entendimento da categorização do que é o cursinho popular, o seu impacto na formação docente e como a geografia está inserida nesse contexto.

O campo dos cursinhos populares se constituiu ao longo dos anos 1990, sendo um movimento social que busca uma forma de igualdade na educação, tentando conciliar entre a preparação para os vestibulares e exames de admissão e acesso ao Ensino Superior e ser um instrumento pedagógico e de luta pela democratização ao acesso ao Ensino Superior em si (GROPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019). Pereira, Raizer e Meirelles (2012) expõem que “O ensino superior público brasileiro é ainda muito elitista e extremamente excludente.” (p. 87), demonstrando que ainda são poucos grupos que têm acesso ao Ensino Superior público de qualidade, mostrando uma elitização da nossa educação e do futuro dos jovens, deixando claro que a vaga em ensino superior para aqueles que não tiveram acesso aos recursos educacionais necessários parece ser impossível. Kato (2011) conclui a ideia afirmando que

O ensino médio da escola pública parece ser encarado por muitos como uma instituição que não prepara adequadamente para os grandes vestibulares impossibilitando que seus alunos possam participar da seleção, já a escola particular e os cursinhos pré-vestibulares pagos são vistos, em nossa sociedade, como instituições apropriadas para promover a aprovação do estudante. (KATO, 2011, p. 8)

Esse processo foi tão naturalizado que os estudantes deixaram de se inscrever em vestibulares e buscarem o seu acesso ao Ensino Superior, o que fica evidenciado pela necessidades das cotas para uma reaproximação desses estudantes com as universidades (KAITO, 2011).

Os cursinhos populares surgem como uma forma de preencher a lacuna que é deixada entre os jovens que concluíram o Ensino Médio em Escolas Públicas e não conseguiram ingressar no Ensino Superior. Esse grupo que não tem o acesso ao ensino superior acaba sendo uma parcela mais marginalizada da população, como jovens negros, de periferias ou pobres. Assim o movimento de consolidação dos cursinhos populares passou a ser algo que se juntou aos movimentos negros e estudantis, que buscavam, através de pauta políticas, a democratização do acesso ao Ensino Superior, além de cotas raciais e sociais (GROPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019).



A maioria dos cursinhos populares segue uma lógica, que é a de serem organizados por estudantes universitários que buscam organizar de forma mais consciente o espaço e, sabendo de seus papéis como representantes das universidades, tendem a organizar os cursinho, de modo que eles deem conta de ajudar os segmentos populares excluídos do acesso ao Ensino Superior (PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2012). Kaito (2011) diz que “Os espaços alternativos, não-formais de ensino tal como o chamado ‘cursinho popular’ pode representar um espaço privilegiado para o acesso a esse processo formativo e as vivências acessíveis apenas à determinada classe hegemônica” (p. 8), mostrando que o aprendizado que acaba por existir nesses ambiente é de extrema importância para as classes marginalizadas para que as mesma possa chegar às universidades.

É importante se ressaltar que os cursinhos são ambiente extremamente heterogêneos, onde estão alunos das mais diversas escolaridades, idades e condições socioeconômicas, além de contarem com a vivência de cada um dos professores, que muitas vezes são voluntários, para ajudar no processo de ensino (KAITO, 2011). Afirmamos então que nesses espaços

A pluralidade e a informalidade, aliadas ao idealismo de alguns estudantes universitários, são algumas das características marcantes dos cursinhos, o que os tornam laboratórios de experiências pedagógicas que ainda carecem de um melhor entendimento acerca das possibilidade e limites que encerram. (PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2012 p. 88)

Outro fator importante da formação dos cursinhos está nos espaços que eles ocupam e têm as aulas, sendo os locais mais diversos, como escolas públicas, universidades, igrejas, centros comunitários, ONG e, etc, (KAITO, 2001; PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2012) mostrando que a luta pelos espaços de permanência desses estudantes se dá nos mais diversos locais e níveis, podendo haver lutas por locais ou a ajuda de determinadas entidades para a consolidação do espaço para a educação e para haver as aulas.

Neste contexto descrito, a geografia está presente nos cursinhos populares não apenas como uma disciplina, mas para categorização e entendimento desse fenômeno. Um exemplo da contribuição da geografia no entendimento dos processos de consolidação dos cursinhos populares é a tese de doutorado de Castro (2011), no qual o autor em um trecho do seu texto faz a espacialização das lutas envolvendo a Rede Emancipa, UNEafro e Educafro, o que o



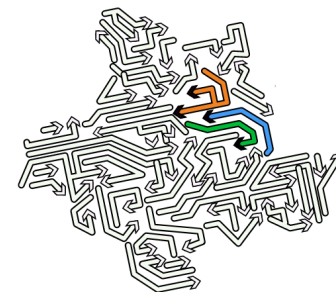
evidencia uma relação intrínseca entre os cursinhos populares e os espaços geográficos que esses ocupam. Um outro trabalho que pode ser destacado é o elaborado por Almeida (2020), o autor analisa os critérios sociais, econômicos e espaciais que intensificam a evasão de alunos de dois cursinhos populares localizados na cidade de São Paulo - SP. Assim, nota-se que o espaço e suas contradições estão presente como fator determinante no funcionamento dos cursinhos, os trabalhos aqui analisados evidenciam que a geografia é uma ferramenta potente na análise dos cursinhos populares.

Tendo em mente esse fato, imaginar um espaço que resguarda em seu meio histórias e espacialidades de luta, questionar como um geógrafo e professor em formação compreende e experiência esse espaço parece algo muito promissor. Em uma breve análise sobre a formação de professores de geografia e os cursinhos populares, destaca-se que a maioria dos textos são contemplados por relatos de experiências ou questionamento sobre a própria prática do ensino da geografia (SOUZA; NECO; JUNIOR, 2022; SANCEVERINO, 2022). A relação entre as faculdades e os cursinhos são temas que ficam pouco detalhados, devido ao fato dos trabalhos se concentraram em questões envolvendo prática, experiências e questões sociais.

Desse modo, percebe-se que o cursinho popular é um local em que a democratização do ensino superior é feito pela colaboração de diversas pessoas e entidades. A geografia está para esse espaço como uma disciplina e igualmente ferramenta de análise desse fenômeno, enquanto os trabalhos que tratam de formação docente em muitos momentos ficam delimitados em relatos de experiência e a própria problematização e questionamento da prática docente. Esse cenário demonstra uma potencialidade dos cursinhos populares como espaços de ensino e aprendizagem, tanto para alunos quanto para professores, entender então a relação desse espaço com a UNICAMP, mostra-se necessário para novas perspectivas, aprendizados e projetos.

Material e Métodos

A introdução aponta que o tema abordado neste trabalho não pode ser desenvolvido por uma abordagem quantitativa, evidencia-se a necessidade de um tratamento qualitativo dos dados. Para isso, o grupo elaborou uma entrevista semi-estruturada, na qual, os participantes poderiam decorrer de uma forma mais livre sobre os temas questionados (GONDIM, 2003). A entrevista em si foi pensada para ser executada por meio de um ambiente online, com o apoio



da plataforma *Google Meet*, em que o áudio seria gravado e posteriormente transcrito e analisado com o apoio da bibliografia disponível. As perguntas que foram pensadas para permear as entrevistas estão presentes na tabela 1.

TEMA ABORDADO	PERGUNTAS REALIZADAS
1. Perguntas sobre o cursinho e a experiência do docente	<ul style="list-style-type: none">• como conheceu o seu cursinho popular?• quanto tempo leciona?
2. O impacto na formação docente	<ul style="list-style-type: none">• como você percebe que a sua experiência no cursinho popular impactou a sua formação docente?
3. Relação UNICAMP e cursinhos populares	<ul style="list-style-type: none">• você sente que a UNICAMP oferece algum tipo de auxílio na divulgação dos cursinhos populares?
4. Os cursinhos populares e sua presença no cotidiano nas aulas de licenciaturas	<ul style="list-style-type: none">• Você acha que os cursinhos populares deveriam ser mais explorados nas aulas da licenciatura? porque?

Tabela 1: Bloco de perguntas. Fonte: autores (2023)

No que diz respeito à busca de participantes, os mesmos deveriam ser professores ou ex-professores de cursinhos populares que fiquem sediados em Campinas - SP e que sejam alunos no curso de licenciatura de geografia da UNICAMP. O recrutamento dessa população ocorreu por meio do contato pelas redes sociais, em que os participantes foram convidados a colaborar na entrevista online mediante a assinatura de uma declaração de participação. Um adendo, nenhum dado que possa edificar os entrevistados serão divulgados, isso inclui o cursinho em que lecionam ou ano que estão na faculdade. Tendo em vista o modo de recrutamento, a busca teve como resultado três entrevistas, sendo que cada uma durou cerca de 30 minutos.

Discussão e resultados

As entrevistas contaram com pessoas que atuam em diferentes cursinhos e estão em momentos distintos da graduação em geografia. Os primeiros questionamentos buscaram compreender como os participantes encontram os cursinhos populares e como se dava a sua atuação nos mesmo, as respostas foram sintetizadas na tabela 2.

	Como conheceu o cursinho	horas semanais de aula	tempo em que leciona	ainda atua como docente
Entrevistado 1	Indicação de colega da faculdade	45 minutos	atua desde 2021 no mesmo cursinho	sim
Entrevistado 2	Redes sociais	1 hora	atuou por um semestre em um único cursinho	não
Entrevistado 3	Redes sociais e site de notícias	45 minutos	atua desde 2019 em diferentes cursinhos	sim

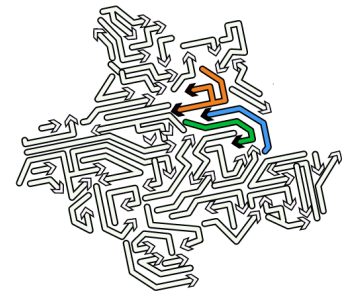
Tabela 2: respostas referente ao tema nº1. fonte: autores (2023)

As respostas desse primeiro bloco temático destaca pontos relevantes; como de que os alunos muitas vezes conhecem os cursinhos por meio das redes sociais e do próprio contato entre os colegas. A divulgação dos cursinhos também pode ser percebida na própria faculdade, os autores deste trabalho em alguns momentos presenciaram panfletos, adesivos ou chamamento pela lista de email da graduação, a foto 1 mostra um desses panfletos que foi localizado no anexo 2 da Faculdade de Educação da UNICAMP.



Foto 1: panfleto para convite de professores. Fonte: autores (2023)

Além disso, esse primeiro bloco de perguntas evidenciou que os cursinhos buscam não sobrecarregar os alunos, a tabela 2 mostra que nenhum dos entrevistados oferecia mais de



uma hora de aula semana. Essa característica tem origem pelo fato dessas instituições de ensino não formal serem mantidas pela coletividade e trabalho voluntário (KAITO, 2011).

A segunda pergunta tinha como objetivo entender como a experiência de atuar como docente havia impactado os entrevistados. No geral, todas as respostas demonstram que o cursinho marcou o primeiro contato entre o professor em formação e a sala de aula, o entrevistado 2 responde que o cursinho causou a ele “aquele choque de realidade”, isso evidencia a importância que o cursinho pode proporcionar a um aluno de graduação, visto que esse espaço gera um confronto entre os aprendizados concretizados nas aulas de licenciatura com a prática dentro dos cursinhos. O entrevistado 1 complementa “porque uma coisa é a gente ter aula de uma disciplina da licenciatura, e a gente ler o texto, e a gente ter uma concepção de aluno. Outra coisa é ir na sala de aula e ter contato com esse aluno”. Nesse cenário, os autores Alvarenga e Tauchen (2018) explicam que no ciclo de vida da atuação docente elaborado Huberman, os primeiros três anos como professor são marcados pela descoberta e sobrevivência, momento em que o jovem professor lida com novas adversidades e descobre o jeito em que esse prefere atuar com sua prática.

Ainda nessa temática, devido ao fato dos cursinhos não terem uma padronização muito restrita dos conteúdos que serão oferecidos, cabe aos docentes filtrar e selecionar o mais adequado para uma aula de um vestibulando. O entrevistado 3 aponta que o mesmo adquiriu com a sua prática a habilidade de controlar melhor o tempo de suas aulas e os conteúdos oferecidos. Enquanto o entrevistado 1 complementa que “eu também tenho que pensar que, olha, eu estou trabalhando com os alunos, eles têm os interesses deles, e eu estou lá para ajudar eles”. Desse modo, esse ambiente educacional fez com que os professores entrevistados tivessem que desenvolver habilidades antes trabalhadas apenas de forma teórica, o que reforça a potencialidade desse espaço no que tange o aperfeiçoamento e o questionamento da prática docente.

O terceiro tema se voltou ao entendimento de como a UNICAMP se versa sobre os cursinhos populares, se ela presta auxílio, de alguma forma, na divulgação dos mesmos e a futura relação com os projetos de extensão.

Nesse momento, foi algo bem unânime entre os entrevistados que a UNICAMP deixa a desejar no que diz respeito a divulgação dos cursinhos populares e no auxílio dos mesmos.



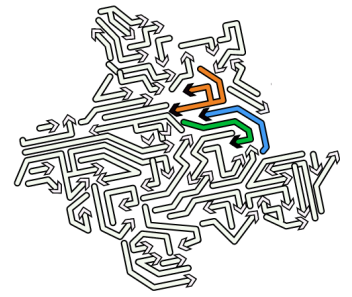
Principalmente quando falamos de cursinhos que não são ligados, diretamente, à UNICAMP, e mesmo aqueles que estão ligados também sofrem nas divulgações, deixando claro que a universidade deixa de lado a divulgação dos mesmos, o que fortaleceria todo o sistema de cursinhos populares da região.

O entrevistado 2 relatou que em sua experiência, muitos dos alunos mal conheciam a UNICAMP e pouco estavam interessados no vestibular da universidade, isso, pois, o cursinho ficava na região central de Campinas, onde a universidade não chega tão fortemente quanto nas regiões perto da própria. Já o entrevistado 1 reiterou ao falar sobre como a universidade deixa a esmo os cursinhos que não fazem parte dela e até mesmo os que fazem parte recebem muito pouco auxílio e apoio, tanto na divulgação quanto na estrutura. No caso do entrevistado 1, ele conheceu o cursinho em que leciona através de um contato que já dava aula lá e comentou a necessidade de professores de geografia, já o entrevistado 2 foi a partir de um e-mail da Secretaria de Graduação, porém sem mais propagandas ou divulgações, mostrando como esses projetos populares são muito pouco explorados e ajudados, partindo muito mais da iniciativa pessoal de cada um do que de um projeto maior da universidade.

Porém, quando perguntados do papel de extensão, os entrevistados se mostraram mais esperançosos, pois acreditam que com a curricularização da extensão há maiores chances de os projetos, como os de cursinhos populares, serem mais divulgados e auxiliados pela UNICAMP, dando maiores oportunidades aos graduandos no que diz respeito à experiência docente e aos alunos dos cursinhos uma maior estrutura e oportunidades.

Na quarta e última pergunta, foi questionado aos entrevistados se os cursinhos populares deveriam ser mais explorados pela licenciatura e o porquê disso. Nesse momento ficou claro que a visão de todos é que a licenciatura se mostra pobre ao não atender outras formas de ensino, a não ser o ensino tradicional, todos colocaram seus pontos de vista sobre o que a licenciatura e principalmente a da UNICAMP tem de fazer para tentar uma maior aproximação do que é ensinado em cursinhos populares.

Um ponto chave que foi colocado sobre como a licenciatura carece de formas de ensino diversificadas se dá no fato do diversificado público, pois muitos dos cursinhos populares abrangem um público muito diverso, com várias faixas etárias e de várias realidades. Nessa ideia o entrevistado 2 colocou seu exemplo de dar aula para um público de



EJA (Educação de Jovens e Adultos), onde o mesmo teve de dar aula para um público bem mais velho e não há nada na formação em licenciatura que ensine ou ajude nessas situações.

Outro ponto importante que foi destacado é que os cursinhos populares não seguem a BNCC, pois eles tem um foco diferente, buscam que o aluno acesso o ensino superior e a realidade social de cada um (GROPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019; PEREIRA; RAIZER; MEIRELLES, 2012) e a licenciatura carece de informações nesse momento, pois o que é ensinado na universidade é baseado na BNCC, porém os cursinhos são voltados para passar em vestibulares, o que leva a uma diferença gigantesca na forma de ensino.

O entrevistado 1 trouxe um pouco da sua realidade ao falar como a licenciatura, principalmente da UNICAMP, é ineficiente ao trabalhar os cursinhos populares. No caso dele, na sua experiência de Estágio, muitos professores não aceitavam cursinhos populares para estagiar, o que nos leva a questionar, os cursinhos populares não são uma forma de ensino? Ou somente o tradicional é que deve ser estudado e as novas formas de ensino, principalmente para as populações mais marginalizadas não servem? Sabemos que cursinhos populares na sua gênese trabalham a luta de classes e a busca por maiores oportunidades e democratização do acesso ao ensino (GROPPO; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2019) então por que há essa distinção? O entrevistado ainda complementou falando que a forma como o cursinho popular que ele leciona trabalha abriu a mente dele da estrutura tradicional das escolas, mostrando uma maior participação ativa dos estudantes nas decisões e no seu futuro.

Considerações finais

Portanto, percebe-se que os cursinhos populares são locais em que a geografia acontece como disciplina e como forma de análise, o pensamento geográfico contribui o para o entendimento desse espaço visto que a revisão bibliográfica demonstra uma relação entre essas instituições e os contextos econômicos, espaciais e sociais que permeiam o seu funcionamento. No que diz respeito ao impacto dos cursinhos na formação docente dos alunos de geografia da UNICAMP, as entrevista apontam a importância dessa relação por um primeiro contato entre o professor e a sala de aula, o que faz com que o docente entenda a sua prática e confronte a sua atuação com seus aprendizados na faculdade. Por fim, os temas tratados entre a relação dos cursinhos com a UNICAMP e o cotidiano das aulas de



licenciatura, as entrevistas apontam um baixo aproveitamento da faculdade com esse espaço, sendo a extensão uma temática que traz uma nova esperança para essa aproximação.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, R. F. **A Evasão em cursinhos populares no contexto da periferia: um estudo de caso em dois cursinhos na região metropolitana de São Paulo**. 2020. 43 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

ALVARENGA, B. T.; TAUCHEN, G. PERCEPÇÕES E COMPREENSÕES SOBRE O CICLO DE VIDA PROFISSIONAL E O DESINVESTIMENTO DA CARREIRA DOCENTE. **Revista Conhecimento Online**, [S. l.], v. 2, p. 25–45, 2018. DOI: 10.25112/rco.v2i0.1243. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/1243>. Acesso em: 01 jul. 2023.

CASTRO, C. A. **Movimento socioespacial de cursinhos alternativos e populares: a luta pelo acesso à universidade no contexto do direito à cidade**. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências da Unicamp. Campinas, p 1 - 303. 2011.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161. 2003. Disponível em Acesso 04 fev. 2023

GROPPO, L. A.; OLIVEIRA, A. R. G. DE .; OLIVEIRA, F. M. DE .. Cursinho popular por estudantes da universidade: práticas político-pedagógicas e formação docente. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, p. e240031, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/WCL98kd9VJkHktFSTKwxcmP/abstract/?lang=pt>. Acesso em 26 de mai. de 2023.

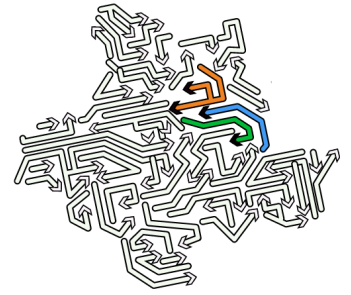
KATO, Danilo Seithi. O Papel dos Cursinhos Populares nos Acessos e Mudanças de Perspectivas de seus Participantes. **Cadernos CIMEAC**, Ribeirão Preto, n. 1, 2011, p. 5 – 24. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/cimeac/article/view/1430>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

PEREIRA, T.; RAIZER, L.; MEIRELLES, M. A luta pela democratização do acesso ao ensino superior: o caso dos cursinhos populares. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 17, n. 1, 27 jan. 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2029>. Acesso em 29 de maio de 2023.

8º Encontro Regional de Ensino de Geografia

Linguagens, formação docente e práticas educativas no ensino de geografia

Universidade Estadual de Campinas, 21,22 e 23 de setembro de 2023



SANCEVERINO, Ericson da Silva. **Semeando a identidade docente da Geografia no Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC)**. Trabalho de conclusão de graduação (TCC) - Instituto de Geociências da UFRG. Porto Alegre, p 1- 88. 2022.

SOUSA, J. A. A; NECO, A. S; JUNIOR, M. M. V. **Ensino de geografia em cursinhos populares: contribuições para além do conteúdo no projeto novo vestibular**. Anais VIII CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/90451>>. Acesso em 01 de julho de 2023.